



RESENHA

MÉSZÁROS, István. **O Desafio e o fardo do tempo histórico**. Boitempo, 2007

Maria do Socorro Sousa de Araújo¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v27n2.2023.42>

O INIMIGO DA HISTÓRIA E A IMPLACABILIDADE DO TEMPO

O livro *O Desafio e o fardo do tempo histórico*, de István Mészáros, publicado pela Boitempo em 2007, configura-se como parte de uma obra que compõe uma sequência cuidadosamente elaborada na vasta produção anticapitalista do autor.

Por ocasião do lançamento do livro na Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil (o primeiro de todos os lançamentos em âmbito mundial), o autor fez uma Conferência com o mesmo título do livro, cujo conteúdo foi retirado da obra através da seleção de alguns capítulos, na qual destaca algumas das questões centrais ali abordadas (MÉSZÁROS, 2008)

Uma dessas questões substanciais para fundamentar suas análises anticapitalistas diz respeito à implacabilidade do tempo; tempo que é histórico, demarcado, inclusive no que diz respeito à permanência e sustentabilidade do sistema do capital.

Na contramão daqueles que pregam o fim da história e que divulgam insistentemente a tese da eterna vigência do capital e do seu controle sócio metabólico, reafirma a necessidade e urgência de encontrar-se uma alternativa viável para as contradições, para a cruel destruição da natureza e para os consequentes perigos impostos à própria sobrevivência humana, que são inerentes ao sistema do capital e que estão potencializados na sua dinâmica atual.

Considerado um dos mais célebres pensadores da atualidade, traz no conjunto da sua obra uma das mais fundamentadas críticas ao sistema do capital. Demarca, a partir da concepção Marxiana, que o capitalismo se configura como uma forma de realização do capital, predominante nos três últimos séculos (MÉSZÁROS, 2002).

¹Assistente Social, Mestre e Doutora em Políticas Públicas/UFMA. Professora lotada no Departamento de Serviço Social na Universidade Federal do Maranhão, com exercício na graduação em Serviço Social e no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas/UFMA.

Nesse sentido, estabelece uma distinção entre capital e capitalismo, afirmando que o capital é anterior ao capitalismo, assim como é também a ele posterior, dado que o capital pode vir a permanecer mesmo após o capitalismo.

Sustenta a tese da existência de um capital pós-capitalista que estaria presente na URSS e demais países do leste europeu, os quais não teriam rompido com o domínio do capital, visto que a ruptura com esse sistema metabólico social implicaria na eliminação do conjunto dos três elementos que o sustentam: capital, trabalho assalariado e Estado. E que a eliminação de um (1) ou até dois (2) desses elementos não seria suficiente para a superação do capitalismo.

No bojo da discussão acerca da necessidade de ultrapassagem do sistema do capital, aprofunda suas análises em *o desafio e o fardo do tempo histórico* e ressalta como um elemento decisivo o próprio modo de funcionamento do capitalismo contemporâneo, a agravar contradições, conflitos e vulnerabilidades insustentáveis. De fato, esse modelo da economia capitalista está fincado em contradições internas de acumulação e circulação, com fluxos crescentes de capital rentista, a procurar valorização constante, numa busca insana pela lucratividade, com base na extrema tecnologização, mantendo-se a partir de uma relação cruel de expropriação da natureza e da força de trabalho, com perversas consequências ambientais/ecológicas, sociais e humanas, comprometendo a própria sobrevivência do planeta.

Assim, assegura que *o desafio e o fardo do tempo histórico* não poderiam ser maiores do que na conjuntura atual mediante a ameaça à sobrevivência da humanidade. Assevera a inviabilidade de que tudo permaneça como está em face da vigência da crise estrutural mais profunda da ordem sociometabólica do capital, sendo que o modo estabelecido dessa ordem possui determinações estruturais fundamentais que impossibilitam que o sistema funcione de modo diferente.

O sistema do capital, como um modo de controle reprodutivo societário, segue uma dinâmica própria, correspondente às suas determinações estruturais objetivas, não podendo, portanto, refrear a si próprio. Essa dinâmica caracteriza-se pela destrutividade, visto que tudo aquilo que serve de empecilho para o seu impulso expansivo deve ser aniquilado.

Tais considerações acerca da crise estrutural do capital, sob as atuais circunstâncias históricas, não se constituem uma novidade, conforme assevera o próprio autor. Contudo, acrescenta que nos encontramos diante dessa crise estrutural porque essa forma de controle sociometabólica, no momento, não dispõe de condições de deslocar suas contradições e antagonismos sem gerar limites intransponíveis ao próprio sistema. Eis a situação de perigo na qual se encontra o sistema vigente.

E esse perigo advém de uma diferença fundamental, dado que a situação atual diverge abruptamente das crises conjunturais do passado e da capacidade que o capital dispôs de enfrentamento e superação dos obstáculos, quando da fase crescente de seu desenvolvimento.

A diferença central é que algumas das principais alternativas utilizadas anteriormente pelo sistema para a administração das crises conjunturais foram bloqueadas, ocasionando duras complicações para a sua manutenção. Destaca, então, dois (2) desses caminhos como os mais relevantes: o primeiro caminho bloqueado diz respeito ao modo como o capital podia persuadir o trabalho reformista a internalizar e promover o socialismo evolutivo e o embuste do estabelecimento do socialismo a partir da conquista dos altos postos de comando da economia, sendo que, após as pesadas consequências da crise estrutural do capital, essas estratégias capitulantes tiveram que ser abandonadas pelos partidos reformistas; o segundo e mais importante caminho bloqueado diz respeito à impossibilidade de enfrentamento dos problemas atuais do capital por meio de uma guerra total, como tentado anteriormente através das duas grandes guerras do século XX.

Assevera que, no século XX, uma das estratégias através das quais esse sistema promoveu o deslocamento das suas contradições foi a destrutividade ocasionada pelas duas guerras mundiais. E que, apesar de existir a possibilidade de uma nova guerra total, não poderia vir a funcionar como um estabilizador, pois a questão central diz respeito a uma contradição insolúvel na estrutura reprodutiva do sistema do capital - manifesta na concentração e centralização do capital numa escala global e na incapacidade estrutural do capital de vir a produzir a estabilização política exigida numa dimensão global correspondente.

Sustenta que, no momento atual, frente aos limites estruturais da nossa morada planetária, e mediante as forças antagônicas que lutam pelos seus recursos, a subjugação pelo capital teria que ser gerada a partir de estratégias difíceis de serem sustentadas numa escala progressiva mundial. E que, mesmo as intervenções militares mais abruptas do imperialismo hegemônico global - os EUA - em diversos lugares do planeta, tenderiam ao fracasso nesse quesito.

Pondera que nesse percurso perverso do direcionamento autoexpansivo do capital sempre esteve presente um impacto humano - as graves consequências sofridas pelos seres humanos, nos diferentes períodos históricos, desde os tempos mais precoces dos desenvolvimentos capitalistas até a configuração da atual crise estrutural, mediante a necessidade de autoafirmação desse sistema. E que, mediante a crise atual, não há de se esperar que o capital impusesse limites aos impactos nefastos gerados aos seres humanos e ao planeta mediante a sua necessidade de expansão, o que poderia ocasionar consequências insustentáveis aos seres humanos e ao planeta.

Ademais, acrescenta que esse sistema falhou até mesmo em atender minimamente as necessidades básicas da maioria absoluta do gênero humano, apesar de suas promessas *autojustificadoras*, impondo, portanto, a necessidade histórica de que seja superado.

E, contudo, por que socialismo? Segundo o autor, porque o atual sistema sociometabólico vigente não dispõe da capacidade de atentar para as consequências ameaçadoras da sua crise

estrutural. O desafio e o fardo do nosso tempo histórico constituem-se, então, na construção de uma ordem social historicamente sustentável - o socialismo, o qual se coloca na agenda histórica como a alternativa à supremacia do capital sobre a sociedade.

E essa alternativa implica lutar contra a conflitualidade/adversidade do capital - lado negativo dessa tarefa histórica; complementada pelo aspecto positivo da mesma tarefa, que requer a harmonização criativa do tempo dos indivíduos sociais com o tempo histórico *aberto* da humanidade - que se opõe ao *eterno presente* do capital.

Essa harmonização do tempo histórico significa a adoção das potencialidades positivas pelos indivíduos como princípios orientadores, em contraposição aos contra valores impostos de forma determinista pelo sistema vigente. Isso requer uma adoção de estratégia e de objetivos sociais escolhidos de forma consciente, originários dos desafios determinados pelos grupos sociais aos quais pertencem os indivíduos.

Ademais, faz-se necessário a consciência de que a humanidade se encontra ameaçada e que os indivíduos sociais conscientes devem enfrentar o desafio de resistência, visando assegurar a continuidade do *desenvolvimento histórico da espécie humana*. Eis uma exigência. E essa exigência implica na compreensão e defesa de uma *continuidade* socialmente viável e significativa na *mudança* e a *mudança* historicamente apropriada e sustentável na *continuidade*.

A reconciliação/harmonização do tempo de vida dos indivíduos com o tempo histórico da humanidade não se configura, contudo, como algo dado naturalmente. Pressupõe construção e uma adesão combativamente conquistada pelo trabalho e defendida frente aos apelos veementes do capital. E somente se faz possível, se resolvida em favor de *uma ordem social historicamente sustentável* e bem-sucedida, através da superação da dinâmica ao qual estamos submetidos.

Ao se referir à dinâmica de superação da ordem hoje estabelecida, o autor cita uma das epígrafes contidas na parte II de Para Além do Capital (2002), relativa a uma passagem da obra autobiográfica de Goethe (*Dichtung und Wahrheit*) na qual conta que o seu pai utilizara de escoras para sustentar um prédio antigo, sem necessidade de demolição, ao mesmo tempo em que construía um novo prédio. E, a partir dessa epígrafe, Mészáros ressalta que a casa na qual vive a humanidade hoje não pode ser imediatamente demolida, mas necessita de uma reestruturação completa, radical, que exige planejamento das estratégias a serem utilizadas na construção de uma nova ordem.

Destaca, então, os princípios orientadores centrais para a elaboração de estratégias a serem construídas visando o início da jornada da elaboração dessa nova ordem. Assevera que os principais objetivos e exigências da transformação socialista podem ser assim caracterizados:

- irreversibilidade, ou seja, o imperativo de uma ordem alternativa historicamente sustentável, que implica a busca e adoção de um conjunto de estratégias coerentes, as quais não

possam ser revestidas na primeira oportunidade, ao mesmo tempo em que deve ser firmemente orientado pela substituição do capitalismo - administrado de modo passageiro - até a completa superação do processo sociometabólico do capital. Caso contrário, as antigas estruturas do sistema herdado tendem a se recompor e voltar a predominar, trazendo consigo efeitos devastadores;

- participação e a progressiva transferência de poder aos “produtores associados”, consideradas como condições indispensáveis para a irreversibilidade da ordem social alternativa. Afirma que se faz necessário a plena participação dos *produtores associados nas instâncias de decisões* assegurando-os como o *sujeito real do poder*, sendo que essa participação não deve ser restrita, parcial, ou reversível e deve alcançar gradativamente todos os níveis de controle, seja político, cultural ou econômico. Configura-se como um desafio que requer o desenvolvimento de um processo de construção gradual, que venha a se fortalecer progressivamente e de maneira contínua, até chegar ao estabelecimento de uma *coordenação geral não hierárquica* e, por consequência, *não-conflitual/adversa* que garantiria o controle sociometabólico pelos associados.

E o estabelecimento do controle sócio metabólico pelos associados possibilitaria, por sua vez, que as grandes massas do povo passem a obter um interesse duradouro por aquela sociedade e, com isso, viessem a desenvolver objetivos e estratégias para manutenção e expansão da nova ordem, fundamentais para a sua irreversibilidade;

- igualdade substantiva como condição absoluta da sustentabilidade. Essa condição de igualdade seria um pressuposto básico para a garantia da participação abrangente e, portanto, para a sustentabilidade do sistema. Contudo, configura-se como a mais difícil das tarefas históricas a serem realizadas, visto que requer a modificação de toda a ordem social estabelecida e, conseqüentemente, a superação total das hierarquias estruturais de exploração estabelecidas há milhares de anos, e não apenas no âmbito do capitalismo, sendo que as desigualdades estruturais impostas pelo sistema do capital e que são inseparáveis de uma cultura da desigualdade substantiva impõem a necessidade e o desafio de superação dessas desigualdades e das pretensas tentativas de estabelecimento de igualdade formal, restritas aos aspectos legais.

Assevera que a solução dos antagonismos que levam às desigualdades só é possível numa sociedade em que o trabalho seja universalizado, envolvendo de forma consciente cada sujeito singular, ao passo em que os objetivos e frutos desse trabalho sejam igualmente repartidos entre todos. Essa seria a razão pela qual a realização da igualdade substantiva, independente do tempo que levar para vir a se concretizar, é uma condição absoluta para a criação de uma ordem social alternativa;

- planejamento - a necessidade de superar o abuso do tempo cometido pelo capital. A superação total do abuso do tempo cometido pelo capital - que reduz o ser humano a condições de

carcaça do tempo e que rejeita o seu poder de autodeterminação como sujeitos reais, é fundamental para a criação de uma ordem societária. A reconciliação entre o tempo dos indivíduos sociais e o tempo da humanidade implica a adoção de uma perspectiva aberta da história. E a condição vital de êxito com relação à concepção socialista aberta de história implica a adoção consciente de um *planejamento abrangente*, fundado numa avaliação a respeito do que já foi obtido e quais as dificuldades ainda precisam ser superadas em direção ao objetivo de instituir a alternativa hegemônica ao modo de reprodução sociometabólica estabelecido.

O planejamento consiste numa forma de controle sociometabólica racional e humanamente recompensadora, a substituir a lógica antagônica e destrutiva do capital. E deve abarcar, para além dos aspectos da vida econômica, as demandas mais amplas relacionadas às aspirações da totalidade dos indivíduos sociais, ao mesmo tempo em que deve capacitá-los para o estabelecimento de objetivos expressivos para si próprios.

Assim, um projeto abrangente que deve ser construído de forma consciente e o planejamento dos objetivos sociais a serem alcançados são inseparáveis, configurando-se como duas condições vitais para a durabilidade de uma nova ordem:

- crescimento qualitativo em utilização: a única economia viável. Ou seja, a adoção de uma economia responsável em nosso sistema produtivo que somente pode ser proporcionada pela alternativa socialista hegemônica. O tipo de crescimento econômico aceitável na nova ordem está fundamentado na busca do atendimento às necessidades humanas, necessidades reais e historicamente determinadas, no momento em que rompe com a lógica fetichista do tempo de trabalho necessário e na adoção do tempo disponível, conscientemente oferecido e administrado pelos próprios indivíduos sociais.

O tempo, numa perspectiva capitalista, está centrado na exploração do trabalho, sendo-lhe impossível mensurar outras modalidades, o que leva o capitalismo a configurar-se como o inimigo da história, aniquilador de outras formas de mensuração do tempo/espço.

E essa perspectiva de aniquilação da história levou ao abuso do tempo pelo capital como se aquele fosse infinito, ou como se a humanidade e o planeta não estivessem submetidos às séries ininterruptas dos instantes diante da destrutividade do capital, que na sua fase atual põe em risco a vida no nosso lar planetário e nos impõe a tarefa de acatar a urgência do tempo.

A urgência a qual estamos submetidos, apesar de não parecer convencer aos denominados realistas acerca da necessidade de uma transformação revolucionária - considerada prematura, leva o autor a destacar que toda intervenção revolucionária é e continuará a ser prematura até que se concretize uma mudança expressiva na correlação de forças entre o trabalho e o capital de forma sustentável e duradoura.

Nesses termos, o autor afirma que somente uma perspectiva internacional de transformação revolucionária buscada com persistência pode ser historicamente viável, longa e sustentável; e que o desafio e o fardo do nosso tempo histórico é fazer valer a reciprocidade dialética do internacionalismo socialista.

Pondera que a necessidade e as exigências impostas pela transformação revolucionária são interconectadas no planeta inteiro e que somente sob essa perspectiva a globalização poderá beneficiar a humanidade.

Essa via de reestruturação radical e ampla através da perspectiva do internacionalismo socialista configura-se como a alternativa para que o movimento do trabalho retome sua força e avance na sua organização, o que requer a reavaliação crítica da história das Internacionais passadas e a compreensão e superação dos motivos dos respectivos fracassos, os quais não foram acidentais.

O livro, aqui destacado, é dedicado pelo autor à memória de Antônio Gramsci (1891-1937), Artila József (1905-1937) e Che Guevara (1928-1967) por terem, segundo ele, enfrentado os desafios e os pesos impostos pelo tempo histórico. E porque os três sabiam e declaravam que somente a mais radical transformação societária poderia oportunizar a saída para as sucessivas crises que ocorreram ao longo do século XX e possibilitar a superação do tempo eternizado do capital.

Eles detinham em comum com o Mészáros, dentre outras, a compreensão da importância e das exigências da temporalidade, de quais são os fardos impostos pelo decurso da história, e a consciência da exigência vital de que sejamos todos *fiéis cumpridores da lei*, dada a implacabilidade do tempo.

REFERÊNCIAS

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. O desafio e o fardo do tempo histórico. In: **Política & Sociedade**, Revista de Sociologia Política, número 7, jul. de 2008.